

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Isabela Maria Gomes Pimentel

GRUPO ESCOLAR RUY BARBOSA: restauro arquitetônico

Taubaté - SP
2018

Isabela Maria Gomes Pimentel

GRUPO ESCOLAR RUY BARBOSA: restauro arquitetônico

Monografia apresentada para obtenção do Certificado de bacharel pelo curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Departamento de Arquitetura da Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof. Me. Benedito Assagra Ribas de Melo.

Taubaté - SP

2018

**Ficha catalográfica elaborada pelo
SIBi – Sistema Integrado de Bibliotecas / UNITAU**

P644g Pimentel, Isabela Maria Gomes
Grupo Escolar Ruy Barbosa: restauro arquitetônico./ Isabela Maria
Gomes Pimentel. - 2018.
95f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento
de Arquitetura e Urbanismo, 2018.
Orientação: Prof. Me. Benedito Assagra Ribas de Mello.
Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

1. Eclétismo. 2. Escolas da Republica. 3. Preservação. 5. Restauro.
I. Título.

CDD – 702.88

ISABELA MARIA GOMES PIMENTEL
GRUPO ESCOLAR RUY BARBOSA:
Restauro arquitetônico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do Certificado de bacharel pelo curso Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Departamento de Arquitetura da Universidade de Taubaté.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Benedito Assagra Ribas de Melo

Universidade de Taubaté

Assinatura _____

Prof. _____

Assinatura _____

Prof. _____

Assinatura _____

Dedico este trabalho às pessoas que mesmo acordadas, continuam sonhando.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo primeiramente, aos meus dois pais, o do céu e o da terra, por terem me proporcionado a oportunidade de cursar durante cinco anos essa faculdade; mais especificamente, Deus, por ter me dado saúde, força e discernimento, Pai, por ter aberto mão de seus próprios sonhos para patrocinar os meus... Sei que quem cuida de mim não dorme, me refiro aos dois...

Mãe, obrigada por todo o apoio moral, pelo seu amor, sua comidinha gostosa e também pelos infinitos puxões de orelha, você é tudo para mim.

Irmãos, obrigada, simplesmente por existirem.

Nesses cinco anos, ainda contei com a presença de algumas pessoas nessa jornada; Júlio, obrigada por aguentar todo o meu desespero diversas vezes, por ouvir todos os meus desabafos, por me ajudar a fazer maquete, obrigada pelas inúmeras caronas e principalmente obrigada pela sua amizade e amor.

Karoline, uma das primeiras pessoas que conheci na universidade, a maior definição de tapas e beijos, trancos e barrancos que conheci pessoalmente; obrigada pela ajuda em todos os trabalhos matemáticos que tivemos e de nada pela ajuda retribuída nos trabalhos de cunho histórico (risadas!!!)... Obrigada também pelas tardes (não tão) maravilhosas em que dormíamos no chão, ou na grama; sua companhia foi imprescindível para o meu aprendizado de vida.

Falando em vida, ainda agradeço a Thaís, a primeira pessoa em que meus olhos se fixaram nesse local e que minha alma escolheu como amiga, mesmo já não presente de corpo na universidade, nossa amizade transcende séculos (temos certeza disso!), obrigada por todas as infinitas conversas sobre arte, história, estrelas e galáxias, sentimentos e ausência deles, você é como uma âncora no meu mar de emoções...

Ariane, amizade tão pouco descoberta, obrigada por toda ajuda a mim prestada, pela companhia de filmes e de segredos... você é a nova amizade que eu desejo ser eterna.

Yasmin, obrigada por toda alegria que você dissemina por onde passa, por ser espontânea e por dividir comigo tanta coisa boa (ou não) a respeito da universidade... Estamos juntas!

Nesses doze meses de quinto e último ano, também tive o prazer da aproximação com Eloísa e Lucas, companheiros de TG, que compartilham comigo toda a delícia e frustração de

fazer o que se ama, todo o desespero e alívio de um prazo próximo; obrigada a vocês dois, assim, me sinto menos só.

Agradeço o Professor Ademir, que tomei em meu particular, como uma família para mim... Sinto-me discípula de tamanho conhecimento, obrigada pela oportunidade da experiência de monitoria e pelas viagens riquíssimas.

Professora Anne, um grito de voz feminino em uma docência praticamente patriarcal, obrigada por tanta inspiração e bondade.

Professor e orientador, Benedito, serei sua eterna aprendiz... Obrigada por me apoiar e acolher em diversas decisões e trabalhos, por dizer “esse é minha filha” toda vez que eu acertava o estilo arquitetônico de uma obra e principalmente por confiar em mim, sem você esse trabalho não seria o mesmo, espero um dia, ser metade do professor que é.

Fabício e Matheus, obrigada pela ajuda e por me deixarem viver dias maravilhosos no imponente Ruy Barbosa, a vivência nesse (meu) tão amado espaço, foi essencial para a realização deste trabalho.

Por ultimo e não menos importante, obrigada a todos meus amigos fora da universidade, familiares e aos meus animais (que de palavras nada entendem, mas de sentimento sim!)... O amor de cada um de vocês me mantém viva no dia a dia.

RESUMO

Construída em 1905 na cidade de Caçapava, com projeto de José Van Humbeeck, o Grupo Escolar Ruy Barbosa é uma das integrantes de conjunto de 126 escolas públicas construídas pelo Governo do Estado de São Paulo entre 1890 e 1930 que compartilham significados cultural, histórico e arquitetônico. Essas edificações expressam o caráter inovador e modelar das políticas públicas educacionais que, durante a Primeira República, reconheceram como inerente ao papel do Estado a promoção do ensino básico, dito primário, e a formação de professores bem preparados para tal função. Justifica-se esse trabalho a partir da consideração de que a obra é um marco de sua época para o município, dispondo de estima e consideração da maioria da população, que com o passar dos anos foi sendo esquecida pelo poder público a partir de sua desativação no âmbito escolar e hoje a edificação se encontra em estado avançado de deterioração. Portanto, este trabalho se propõe a dispor o problema, por meio do Restauro, não apenas arquitetônico, mas também nostálgico, entendendo-se que “assim, preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, (...) Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. (...) Devemos, então, de qualquer maneira, garantir a compreensão de nossa memória social preservando o que for significativo dentro de nosso vasto repertório de elementos componentes do Patrimônio Cultural.” (LEMOS, 1981, p. 29).

Palavras-chave: Ecletismo. Escolas da Republica. Preservação. Restauro.

ABSTRACT

Built in 1905 in Caçapava city, a project by José Van Humbeeck, Ruy Barbosa School Group is one of the members of a group of 126 public schools built by the São Paulo State Government between 1890 and 1930 that share cultural, historical and architectural significance. These buildings express the innovative and model character of the public educational policies that during the First Republic recognized as inherent to the role of the State the promotion of basic education, considered primary, and the training of teachers well prepared for this function. This work is justified from the consideration that the building is a landmark for the city, having the esteem and consideration of most of the population, but over the years it has been forgotten by the political power since its deactivation in the school environment and today the building is in an advanced state of deterioration. Therefore, this work proposes to dispose the problem, through the Restoration, not only architectonic, but also nostalgic, understanding that "thus, preserving is not only keeping a thing, an object, a building, and a historical core of a great old town. Preserving is also recording testimonials, sounds, (...) Preserving is keeping alive, even if altered, uses and popular customs. (...) We must then in any case ensure the understanding of our social memory by preserving what is significant within our vast repertoire of elements that are components of Cultural Heritage "(LEMOS 1981, 29).

Keywords: Eclecticism. Schools of the Republic. Preservation. Restoration.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O número de escolas no município de Caçapava até o início do século XX.....	16
Figura 2 - Mercado municipal de Pelotas - RS.....	23
Figura 3 - Casarão em Colônia Del Sacramento - UR	24
Figura 4 - SESC Paço da Liberdade em Curitiba – PR	25
Figura 5 - Localização do Grupo Escolar Ruy Barbosa	26
Figura 6 - Caracterização do Uso do Solo	27
Figura 7 - Entorno	28
Figura 8 - Igreja Matriz	29
Figura 9 - Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel	30
Figura 10 - Construção residencial eclética.....	31
Figura 11 - Foto aérea do Grupo Escolar Ruy Barbosa.....	33
Figura 12 - Fachada do Grupo Escolar Ruy Barbosa	34
Figura 13 - Planta baixa do projeto original sem ampliações.....	36
Figura 14 - Vista do porão do Grupo Escolar Ruy Barbosa	61
Figura 15 - Vista da estrutura de tijolos de barro	62
Figura 16 - Vista do telhado	63
Figura 17 - Fotografia dos deterioros	67
Figura 18 - Ladrilho hidráulico	73
Figura 19 - Piso Cerâmico	74
Figura 20 - Assoalho	75
Figura 21 - Prospecção pictórica (1).....	78
Figura 22 - Prospecção pictórica (2).....	79
Figura 23 - Prospecção pictórica (3).....	80

Figura 24 - Prospecção pictórica (4).....	81
Figura 25 - Prospecção pictórica (5).....	82
Figura 26 - Prospecção pictórica (6).....	83
Figura 27 - Prospecção pictórica (7).....	84
Figura 28 - Prospecção pictórica (7).....	85
Figura 29 - Portas e janelas.....	87
Figura 30 - Bebedouros	87
Figura 31- Fluxograma de setorização	90

LISTA DE TABELAS A GRÁFICOS

Gráfico 1 - “O que é Patrimônio Arquitetônico no Município – sob perspectiva publica” Resultados em porcentagem.	13
Gráfico 2 - “A Finalidade do Novo Uso – Sob perspectiva pública”	14
Tabela 1 - Patologias e deterioros.....	63
Tabela 2 - Análise de qualidade do forro.	76
Tabela 3 - Programa de necessidades	89

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Objetivo geral	11
1.1.1	Objetivos específicos	11
1.2	Metodologia	11
1.3	Procedimentos experimentais	12
2	DESENVOLVIMENTO E FUNDAMENTAÇÃO DO TEMA	15
2.1	Grupos escolares	15
2.2	Escolas no município de Caçapava	16
2.3	Considerações sobre arquitetura eclética paulista	16
2.4	Por que e o que preservar	19
2.5	Aspectos patrimoniais – legislação vigente	20
2.6	Cartas patrimoniais	20
2.7	Visitas técnicas	23
2.8	Cidade e área escolhida para a intervenção	26
2.9	Uso do solo	26
2.10	Considerações sobre o ecletismo em Caçapava	28
2.11	Histórico	31
3	ANÁLISE DE COMPOSIÇÃO	33
4	LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO	37
	Prancha 1 - Planta com numeração de ambientes, portas e janelas	38
	Prancha 2 - Planta com materiais	39
	Prancha 3 - Planta de liberação e cobertura	40
	Prancha 4 - Fachadas	41
	Prancha 5 - Detalhamento de janelas e forro	42

Prancha 6 - Levantamento fotográfico (1).....	43
Prancha 7 – Levantamento fotográfico (2).....	44
Prancha 8 – Levantamento fotográfico (3).....	45
Prancha 9 – Levantamento fotográfico (4).....	46
Prancha 10 – Levantamento fotográfico (5).....	47
Prancha 11 – Levantamento fotográfico (6).....	48
Prancha 12 – Levantamento fotográfico (7).....	49
Prancha 13 – Levantamento fotográfico (8).....	50
Prancha 14 – Levantamento fotográfico (9).....	51
Prancha 15 – Levantamento fotográfico (10).....	52
Prancha 16 – Levantamento fotográfico (11).....	53
Prancha 17 – Levantamento fotográfico (12).....	54
Prancha 18 – Levantamento fotográfico (13).....	55
Prancha 19 – Levantamento fotográfico (14).....	56
Prancha 20 – Levantamento fotográfico (15).....	57
Prancha 21 – Levantamento fotográfico (16).....	58
Prancha 22 – Levantamento fotográfico (17).....	59
Prancha 23 – Levantamento fotográfico (18).....	60
4.1 Características construtivas.....	61
4.2 Diagnóstico de patologias.....	63
4.3 Análise das patologias.....	67
5 DIRETRIZES PROJETUAIS.....	69
5.1 Metodologia para projeto de restauro.....	69
5.2 Técnicas aplicativas do restauro arquitetônico.....	70
6 RESTAURO E REFORMA A SER EXECUTADA.....	72
6.1 Instruções Projetuais de Desenho Urbano.....	88

6.2 Projeto de Novo Uso	88
6.3 Programa de Necessidades	89
6.4 Setorização	90
Prancha 1 - Planta de implantação e projeto paisagístico e corte	91
Prancha 2 - Planta e corte - concha acústica	92
Prancha 3 - Planta e corte - refeitório	93
Prancha 4 - Planta de intervenção e corte	94
Prancha 5 - Perspectiva (1)	95
Prancha 6 - Perspectiva (2)	96
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	98
ANEXO	100

1 INTRODUÇÃO

*“Fecho os olhos! Eis-me aluninha...
Escola Ruy Barbosa, hoje, minha homenagem é para você, berço da
minha educação.”*
(ALMEIDA, 2003)

*“Grupo este que traz o nome daquele que em existência longa e
gloriosa evangelizou o direito e a liberdade, o imortal Ruy Barbosa,
tem, para nós que fomos seus alunos a santidade de um templo.
Nele, na meninice distante, recebemos o batismo da cultura e a
eucaristia do civismo.”*
(BUENO, 1957)

O Grupo Escolar Ruy Barbosa, situado na zona central do município de Caçapava, apresenta um passado histórico forte e relevante, sendo de grande importância para o Vale do Paraíba. O nome da escola deu-se assim, pois em sua época de construção visava homenagear o polímata Ruy Barbosa, um dos organizadores da república e coautor da constituição da primeira república. Esse mesmo período passava por uma problemática, que era o alto índice de analfabetismo no Brasil e assim para aprimorar esses índices, o governo inseriu novas modalidades de escolas e é “neste contexto, que a criação dos grupos escolares aparece como representação de um tempo renovador, na arquitetura urbana e na formação de novas tradições,” (MOREIRA, 2006, p. 3) chegando então em 1907 o primeiro Grupo Escolar da cidade, projeto do arquiteto José Van Humbeeck.

Este trabalho tem como objetivo chamar a atenção da população do município para sua história, aguçando nestes o interesse e o animo de preservá-la, resgatando assim sua identidade arquitetônica e cultural. Pretende-se, portanto que o Grupo Escolar Ruy Barbosa tenha como principal finalidade, a preservação e a valorização da história do município, de modo que além da compreensão pública de seu processo evolutivo, possa as pessoas interagir com a arquitetura viva através das adaptações do novo uso proposto.

A influência de uma obra de restauro no entorno é sempre significativa e já parte para uma mera específica, recuperar a ambiência e a vitalidade do próprio entorno, assim como da cidade toda, influenciando até nas dinâmicas comerciais, turísticas, e de modo geral, contribui para o senso de identidade do povo, em escala Municipal e Regional.

Portanto este trabalho visa contribuir com a interação e economia do município, propondo um uso e uma ocupação para o espaço da antiga escola Ruy Barbosa.

1.1 Objetivo geral

Criar uma proposta de restauro para o Grupo Escolar Ruy Barbosa, situado no município de Caçapava – Vale do Paraíba, SP, de forma que a preservação do conjunto arquitetônico, possa abranger o seu entorno, tornando-se um local útil, agradável e de contemplação. Assim o projeto tem a intenção de criar a partir do restauro, a condição de resgatar a valorização do patrimônio arquitetônico e histórico, instalar um novo uso ao edifício a fim de dinamizar as relações sociais e promover um significativo crescimento cultural por meio da revitalização de espaços públicos decadentes.

1.1.1 Objetivos específicos

Para dar cumprimento ao objetivo geral, se traçaram os seguintes objetivos específicos:

- 1- Viabilizar acessos para portadores de deficiência.
- 2- Condições de circulação para pedestres.
- 3- Intensificar a iluminação do entorno, a fim de trazer maior segurança.
- 4- Redefinir o paisagismo e caminhos.
- 5- Realocar o ponto de ônibus para outro local, pois o mesmo está tampando a fachada da Escola.
- 6- Execução do restauro arquitetônico em si.
- 7- Definir um novo uso para o edifício.
- 8- Resgatar a importância histórica do edifício para o município.

1.2 Metodologia

O presente projeto segue pautado em seis fases, sendo eles, embasamento teórico e elaboração das diretrizes de restauro, levantamento arquitetônico, definição da tipologia, levantamento histórico, identificação e caracterização da área de zoom e definição do novo uso.

1. O embasamento teórico em referências bibliográficas consiste no aprofundamento em temas e pesquisas significativas para a adoção do conceito e do partido do projeto de restauro, a fim de ordenar com as leis pertinentes do órgão responsável pelo tombamento, o CONDEPHAAT.

2. O levantamento arquitetônico consiste na visita técnica, a fim de conferir as medidas projetuais para retificação da planta, levantamento fotográfico, análise dos materiais e sistemas construtivos e do estado de conservação.

3. A definição da tipologia consiste em uma análise estilística, expressando a composição arquitetônica predominante e original.

4. O levantamento histórico busca a importância histórica da escola para a cidade e também para o Vale do Paraíba todo, como um conjunto arquitetônico das escolas de Grupo Escolar, para isso, é usado jornais, livros e entrevistas.

5. A identificação e caracterização da área do zoom ajudam especificamente para o novo uso no projeto, pois através desse entendimento, o projeto é ordenado com um uso que dialogue com a situação atual do município.

6. O novo uso consiste em fazer o projeto de restauro pensando em uma nova vida para a atual escola Ruy Barbosa, para que a mesma possa novamente ter vitalidade e importância para os moradores do município.

1.3 Procedimentos experimentais

A fim de evidenciar a importância arquitetônica e sentimental do Grupo Escolar Ruy Barbosa, foi realizada uma pesquisa pública. Perguntas básicas como nome, área de atuação e se a preservação era importante para o entrevistado foram prosseguidas por “Para você, quais são os patrimônios arquitetônicos do município?” e “Após a prática do Restauro, qual seria o novo uso ideal ao Grupo Escolar Ruy Barbosa?”.

A partir da coleta de respostas, foram gerados os seguintes gráficos:

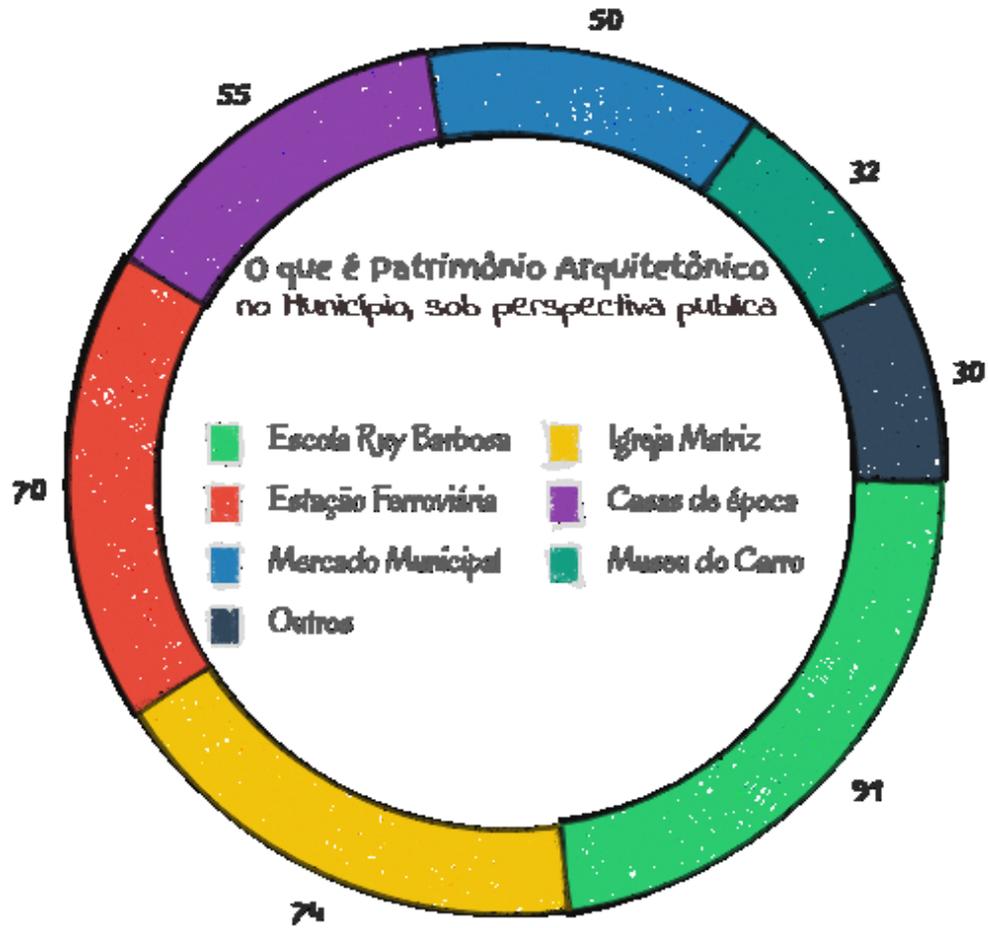


Gráfico 1 - “O que é Patrimônio Arquitetônico no Município – sob perspectiva pública”
Resultados em porcentagem.

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

A FINALIDADE DO NOVO USO

Sob perspectiva pública

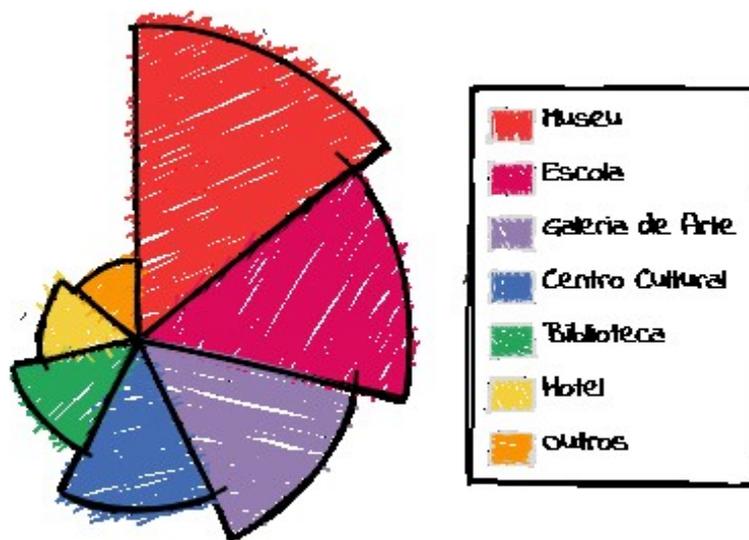


Gráfico 2 - "A Finalidade do Novo Uso – Sob perspectiva pública"
Fonte: Elaborado pela autora, 2018

2 DESENVOLVIMENTO E FUNDAMENTAÇÃO DO TEMA

Para o desenvolvimento e fundamentação do tema foram feitas pesquisas de campo e pesquisas bibliográficas, a fim de obter uma compreensão mais aprofundada acerca do tema. A separação dos assuntos foi feita em tópicos.

2.1 Grupos escolares

Os grupos escolares brasileiros foram criados em São Paulo no século XIX, sendo responsáveis por um novo modelo de organização escolar no período da república, com a intenção de aprimorar os altos índices de analfabetismo no país. Segundo Saviani (2004), os grupos escolares constituíram um fenômeno tipicamente urbano, já que no meio rural ainda predominou as escolas isoladas por muito tempo. A partir da reforma paulista, o ensino se popularizava, era a instrução gratuita para todos independente da classe social.

Surge, portanto no bojo do projeto republicano de modernização do povo e de civilização das camadas sociais de massa, um modelo educacional que embora tenha sido implantado em São Paulo primeiramente vai aos poucos se difundindo se propagando pelos demais estados do país. (FERREIRA; CARVALHO, 2011, p.5)

Dessa forma, a ideia de implantação do grupo escolar se difundiu para o resto do Brasil, fazendo parte da política de diversos presidentes e governadores.

Ao que diz respeito ao seu partido, os grupos escolares seguiam a mesma premissa, “o modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor,” (SOUZA, 2004 p. 114) de forma que no início de sua utilização, as alas eram separadas para homens e mulheres, não podendo ser mista a ocupação do espaço.

Em relação à escola Ruy Barbosa, sua existência provém do arquiteto José Van Humbeeck, que projetou em massa diversos grupos escolares no estado de São Paulo, em seu agrupamento o projeto é caracterizado pela existência de um pátio interno, em torno do qual se desenvolve a circulação coberta que interliga as salas. As plantas são simétricas, sendo reservada uma das alas à seção feminina e outra à masculina. Bem no eixo de simetria este localizado o acesso central ao prédio, que dá para um vestíbulo ou portaria, antes de se atingir a galeria de circulação, tratando-se basicamente do mesmo projeto, que durante a primeira década desse século, foi reelaborado ou adaptado de acordo com as necessidades específicas

que eram impostas a cada caso, mantendo sua composição arquitetônica original da época, o ecletismo.

2.2 Escolas no município de Caçapava

A tabela abaixo visibiliza as escolas existentes no município de Caçapava até a inserção do grupo escolar Ruy Barbosa, em 1907.

Sendo representado o número de escolas e o nome correspondente a cada uma e a denominação da evolução atual Cidade de Caçapava como município, seguindo em ordem cronológica.

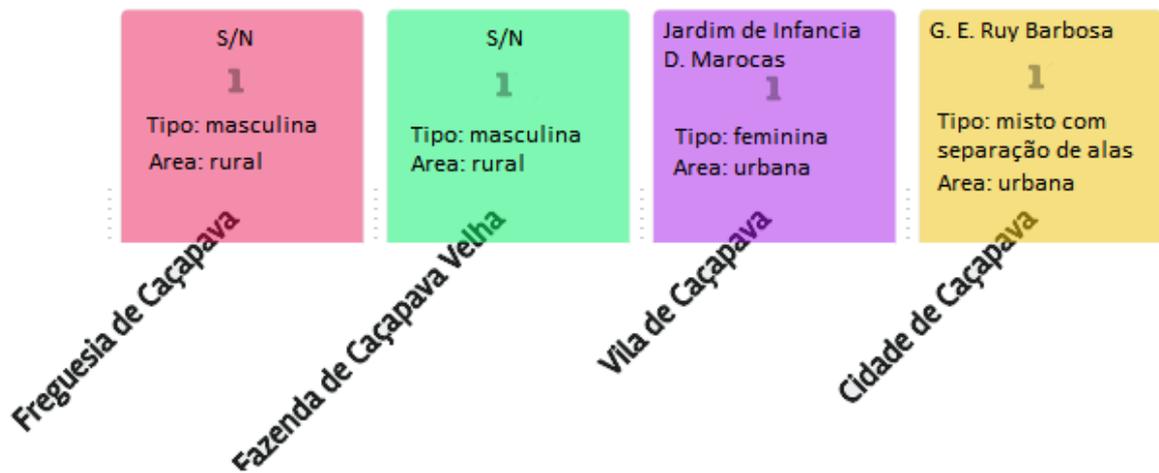


Figura 1 - O número de escolas no município de Caçapava até o início do século XX
Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

O grupo escolar Ruy Barbosa surge como a quarta escola implantada no município, a fim de atender as necessidades de ensino da população, uma vez que o número de escolas existentes (três) era insuficiente.

2.3 Considerações sobre arquitetura eclética paulista

“O ecletismo era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto e amava o progresso [...]” (FABRIS, 1987, p.13). O ecletismo se configura como a somatória de criações individuais e até eufóricas, uma vez que São Paulo tinha uma percepção aguçada devida o isolamento de serra acima. Sendo assim, podemos afirmar que essa somatória surgiu a partir da metade do século XIX, se juntando ao

Neoclássico, que por sua vez surgiu como reação ao barroco e então “nessa hora, explicar o ecletismo é buscar miscelânea.” (FABRIS, 1987, p. 70)

De todas as regiões culturais brasileiras, São Paulo era a mais pobre e isolada no período colonial, mesmo após a independência, mantendo por quase trezentos anos a construção em taipa de pilão, já considerada arcaica no fim do século XVIII, sendo avessa a novos partidos e com a permanência das mesmas plantas, independente da variação de vergas retas para pombalinas em suas fachadas. Sendo assim, desde o final do século XVIII até 1850, São Paulo praticamente não conheceu nenhuma novidade arquitetônica, pulando a novidade do Neoclássico, mesmo tão próximo ao Rio de Janeiro, inserindo essa composição de forma tardia.

Com a ascensão do café, o Vale do Paraíba no estado de São Paulo começou a ver a prosperidade, principalmente após a instalação da ferrovia em 1867, data extremamente importante, pois a partir dela São Paulo assume liderança como centro político e econômico no país, uma vez que as novidades do mundo chegam com a abertura do porto de Santos.

A taipa foi substituída pelo tijolo e a cidade reconstruída em alvenaria, “em 1875, no comecinho da euforia remodeladora, a cidade tinha menos de três mil prédios. Em 1886, ano em que Ramos de Azevedo iniciou seus trabalhos na capital, os prédios já passavam dos sete mil.” (FABRIS, 1987, p. 73)

Nesse confronto a classe média sofreu muito, pois já era familiarizada com a taipa, que parecia ser a solução natural durante gerações e agora se via operários levantando casas de tijolos sem beirais, de porões ventilados e decorados com relevos. Cada um com a sua solução naquele mundo de invenções, a variedade passou a compor o cenário, que mesmo sem repetições era homogeneizado pelas mesmas regras de composição, era o ecletismo.

Essa evolução antecedeu a 1ª Guerra Mundial, dando espaço para novas correntes do século XX, dessa forma podemos, então, dividir as nossas construções ecléticas nos seguintes grupos, segundo Fabris (1987):

1º - Construções neoclássicas ditas ortodoxas, mais antigas, talvez influenciadas pela produção carioca. (...) Na verdade, foram muito poucas. Seu início no tempo seria em 1850/60, anos em que já se percebe a atuação de profissionais de fora.

2º - Construções neoclássicas na primeira intenção, no partido arquitetônico, mas comprometidas principalmente pela ornamentação renascentista. (...) Também é composto de obras bem elaboradas buscando soluções de composição em fontes classicizantes diversas, como se fossem colagens

eruditas, às vezes até barroquizantes, mas organizadas com bom gosto e construídas com o que houvesse de melhor no mercado de materiais importados. Em geral, obras do autor.

3° - Construções diversas que, de um modo geral e num primeiro momento, podemos chama-las de neo-renascentistas despolicizadas, isto é, quase sempre executadas por profissionais não qualificados e que vieram a ser popularizadas ao longo do tempo.

4° - Obras vulgarmente chamada de art nouveau, mas que também incluem trabalhos de inspiração alemã ou austríaca ligadas ao movimento Secessão. (...) São de modo invariável assobradadas.

5° - Construções populares de arcabouço estrutural convencional de tijolos, em tudo igual ao das casas do 3° grupo, que recebe decoração art nouveau aposta sem maiores critérios.

6° - Obras de estilo indefinido, mas grande parte delas com características formais tiradas principalmente dos chalés alpinos, mais do território suíço, caracterizadas pelo tom romântico, pelo ar bucólico dito campestre. Casas em que o pitoresco era a nota marcante.

7° - Construções pertencentes ao chamado ecletismo historicista, que compreendem trabalhos vinculados aos variados modelos de construções antigas alheias ao mundo clássico. O estilo neogótico é o mais frequente nesse grupo, mas também são comuns obras neorromânicas, principalmente nas igrejas do começo do século. Também são encontráveis aqui e ali residências mouriscas, neoegípcias, neoassírias, etc.

8° - Construções dentro do estilo que, na época, anos da 1° Grande Guerra, se chamava tradicionalista ou colonial e que hoje os estudiosos denominam neocolonial.

9° - Obras populares nascidas da reprodução simplificada dos modelos eruditos neocoloniais, que chegaram a compreender a quase totalidade das construções da década de 20. A este grupo também pertencem às chamadas construções do estilo Missões. (FABRIS, 1987, p.74)

Por fim a autora ainda cita que um décimo grupo imaginário deveria existir, aquele que incluiria construções industriais e edifícios pré-fabricados de estrutura de ferro, projetos derivados originalmente da Inglaterra, como a Estação Ferroviária de Bananal no Vale do Paraíba, que apesar de interessante, não foi assimilada pela população paulista devido às

especificações de seus programas de necessidades, expondo a ausência de uma siderurgia avançada no Brasil.

2.4 Por que e o que preservar

Esta pergunta está inteiramente ligada a outras questões relativas, de modo que devemos entender que a palavra preservar tem um sentido mais amplo do que parece, significando na pureza da palavra, livrar de algum mal, manter livre de corrupção, perigo ou dano, conservar, livrar, defender e resguardar, sendo assim, se uma obra não é preservada, ela se desarmoniza e se desequilibra. Desse modo, percebemos que necessariamente o termo preservar deve ser aplicado com toda a amplitude de seu significado.

Preservar, além de manter vivos, é também segundo Lemos (1981) fazer levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. É fazer levantamentos de construções, especialmente àquelas sabidamente condenadas ao desaparecimento decorrente da especulação imobiliária.

Quando perguntamos exatamente o que preservar, para muita gente, artefatos antigos de qualquer natureza, são o que realmente constitui o patrimônio histórico, tudo aquilo que se pode guardar como um testemunho de valia pessoal.

De um modo geral, podemos dizer que foram os antiquários colecionadores, os gabinetes de curiosidades, os variados museus ditos históricos, etnográficos, de arqueologia e de antropologia, as galerias de arte, as pinacotecas, as gliptotecas, as hemerotecas, as coleções de história natural, que ao longo do tempo, conservaram artefatos vários para os estudiosos de hoje. (LEMOS, 1981, p.32)

Muitas construções importantes, historicamente e arquitetonicamente também foram conversadas através de mandados, mas muitas, por motivos econômicos, se estagnaram e por isso, se conservaram a revelia dos que as abandonaram em busca do desenvolvimento, podendo citar como exemplo, Bananal, Areias e outras cidades do vale histórico do Vale do Paraíba no estado de São Paulo.

Foi somente em 1937, que o Brasil contou com uma lei vigente memorável em relação ao que se entende de patrimônio e preservação, graças a Mario de Andrade, que definia por patrimônio artístico nacional, todas as obras de arte pura ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes ao poder público e a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares estrangeiros, residentes no Brasil.

A palavra arte, nesse caso, tinha um significado bastante amplo, assumindo conotações diversificadas, por isso Mario de Andrade agrupava as obras de arte em oito categorias:

- 1- Arte arqueológica;
- 2- Arte ameríndia;
- 3- Arte popular;
- 4- Arte histórica;
- 5- Arte erudita nacional;
- 6- Arte erudita estrangeira;
- 7- Artes aplicadas nacionais, e
- 8- Artes aplicadas estrangeiras.

Incluindo então, todo o nosso vasto elenco patrimonial.

2.5 Aspectos patrimoniais – legislação vigente

O município de Caçapava conta com o Plano Diretor de 2007, porém em pesquisa, relata-se que este não atende as necessidades do município em relação ao que se diz respeito patrimônio, uma vez que a cidade não tem leis vigentes que lidem com o assunto, como por exemplo, lei de tombamento.

A secretaria da cultura é atualmente o órgão responsável pela preservação e catalogação dos patrimônios, tendo muitas vezes influencias de outras secretarias. Quando questionados quanto à efetividade das atitudes de preservação, responderam que a secretaria nem sempre segue o Plano Diretor do município, tomando atitudes conforme a necessidade e a gravidade dos casos, como por exemplo o restauro do grupo escolar Ruy Barbosa.

2.6 Cartas patrimoniais

Aqui estão relacionadas alguns dos principais documentos relativos a proteção do patrimônio cultural, adaptados do livro IPHAN (1995), que ocorreram em diversos períodos e em locais distintos, citados em ordem cronológica dos acontecimentos.

- CARTA DE ATENAS. 1931

O escritório internacional de museus, em uma sessão realizada em Atenas no mês de Outubro de 1931, recomenda que se respeite, na construção dos edifícios, o caráter e a fisionomia das cidades, as obras históricas e artísticas do passado, sem prejudicar o estilo de nenhuma época, sobretudo nas vizinhanças dos monumentos antigos, cuja proximidade deve ser objeto de cuidados especiais.

Recomenda que se deva também estudar as plantações e ornamentações vegetais convenientes a determinados conjuntos de monumentos para lhes conservar o caráter histórico.

Que nas construções em conservação escrupulosa, ou seja, em ruínas, utilizem materiais novos e que sejam sempre reconhecíveis no termino das obras de restauração.

Recomenda ainda que os educadores habituem a infância e a juventude a se absterem de danificar os monumentos, quaisquer que eles sejam, e lhes façam aumentar o interesse pela proteção da história.

- CARTA DE ATENAS. 1933

Na assembleia do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), realizada em Atenas no mês de Novembro de 1933, tratou-se não só de preservar as belezas naturais ainda intactas, mas também de reparar as agressões que algumas delas tenham sofrido, recomendando que a “indústria homem”, crie, em parte, sítios e paisagens que correspondam ao interesse e ao uso da população.

Apesar de lamentável a demolição de casas e cortiços que formam uma ambiência representativa ao redor de algum monumento histórico, é necessária, pois estes são edificações insalubres.

Recomenda-se que no lugar destes sejam introduzidas superfícies verdes de uso público e que este tipo de programa seja elaborado com base em análises rigorosas, feito por especialistas.

RECOMENDAÇÃO QUE DEFINE OS PRINCIPIOS INTERNACIONAIS A SEREM APLICADOS EM MATERIA DE PESQUISAS ARQUEOLOGICAS. 1956

A conferência geral da organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura, reunida em Nova Déli no mês de Novembro de 1956, em sua sessão recomenda que junto ao sítio arqueológico, deveria ser criado um pequeno estabelecimento de caráter educativo, eventualmente um museu e que a autoridade competente deva empreender uma ação educativa para despertar e desenvolver o respeito e a estima ao passado além de facilitar o acesso do público a esses sítios.

- CARTA DE VENEZA. 1964

O segundo congresso internacional de arquitetos e técnicos dos monumentos históricos, reunido em Veneza no mês de Maio de 1964, aprovou que a conservação e restauração de monumentos são fundamentalmente atividades interdisciplinares e que o monumento é inseparável do meio onde se encontra situado, incluindo o seu contexto sócio econômico.

A restauração deve ter caráter excepcional, todo trabalho complementar indispensável deve-se destacar da composição primitiva e mostrar sua contemporaneidade, sendo que as contribuições de todas as épocas devem ser respeitadas.

No entorno, as construções, demolições ou novos agenciamentos não poderão alterar as relações de volume e colorido do monumento com seu ambiente próprio.

- NORMAS DE QUITO. 1967

A reunião sobre conservação e utilização de monumentos e lugares de interesse histórico e artístico, realizada em Quito no mês de Novembro e Dezembro de 1967 pela O.E.A (Organização dos Estados Americanos), recomenda que o bem histórico ou artístico seja habitado em condições objetivas e ambientais que não desvirtue sua natureza, ressalte suas características, permita seu ótimo aproveitamento e contribua para o desenvolvimento econômico da região, valorizando o bem.

Recomenda ainda que tenha uma previa adoção de medidas reguladoras que ao mesmo tempo em que facilitem e estimulem a iniciativa privada, impeçam a desnaturalização do lugar e a perda das finalidades primordiais que se perseguem.

São requisitos prévios a qualquer propósito oficial dirigido a revalorizar seu patrimônio monumental: legislação eficaz, organização técnica e planejamento municipal.

- A CARTA DO RESTAURO. 1972

Através da circular numero 117, de 6 de Abril de 1972, o ministério da instrução publica da Itália divulgou o documento sobre restauração de 1972 entre os diretores e chefes de institutos autônomos, para que se atenham, escrupulosa e obrigatoriamente, em todas as intervenções de restauração em qualquer obra de arte.

A realização do projeto para a restauração de uma obra arquitetônica deveser precedida de um exaustivo estudo sobre o monumento, elaborado de diversos pontos de vista, que estabeleçam a análise de sua posição do contexto territorial ou no tecido urbano, dos aspectos tipológicos, das elevações e qualidades formais, dos sistemas e caracteres construtivos, entre outros, relativos à obra original, assim como aos eventuais acréscimos ou modificações. Parte integrante deste estudo serão pesquisas bibliográficas, iconográficas e arquivísticas, para obter todos os dados históricos possíveis. O projeto se baseara em uma completa observação gráfica e fotográfica, interpretada também sob os aspectos metrológicos, dos traçados regulares e dos sistemas proporcionais e compreendera um cuidadoso estudo específico para a verificação das condições de estabilidade.

- CARTA DE FLORENÇA. 1981

Reunidos em Florença no mês de Maio de 1981, o comitê internacional de jardins históricos e ICOMOS/IFLA decidiram elaborar uma carta relativa à proteção dos jardins históricos, que levara o nome desta cidade. Nesta carta patrimonial destacam-se na composição arquitetural do jardim histórico:

- Seu plano e os diferentes perfis do seu terreno;
- Suas massas vegetais: suas essências, seus volumes, seu jogo de cor, seus espaçamentos, suas alturas respectivas;
- Seus elementos construídos ou decorativos;
- As águas moventes ou dormentes, reflexo do céu.

2.7 Visitas técnicas

Para a visita técnica, foram selecionados três lugares que apresentavam o mesmo padrão de revitalização, foram eles:



Figura 2 - Mercado municipal de Pelotas - RS
Fonte: Imagens do Google, da autora (2018) e Restaurante Sal, Sabor e Brasa.

O Mercado Municipal de Pelotas é o marco para a retomada do desenvolvimento na cidade, construído na metade do século XIX, foi reformado em 1912 após um incêndio. Segundo “Montes Vannuci, o Mercado daquela época era um microcosmo, era feira, era teatro, circo, palco de desfiles, ponto de encontro, todos os mundos convergiam àquele espaço, era o lugar privilegiado em que as classes sociais se tocavam” (SANTOS, 2014, prólogo). Atualmente, o Mercado ainda é esse espaço integrador, graças à revitalização realizada. Na fachada, as portas se abriram para pequenos bistrôs, docerias, restaurantes e panificadoras que enchem as calçadas de pessoas. Do lado de dentro, a ideia é mantida, pequenos pátios a céu aberto foram feitos, além do extenso corredor já existente anteriormente, com as bancas de venda. Sua estrutura interna foi adaptada para receber novos encanamentos, banheiros em containers dentro dos restaurantes, ar condicionado e cozinhas industriais.



Figura 3 - Casarão em Colônia Del Sacramento - UR
Fonte: Imagens do Google e da autora (2018).

Colônia Del Sacramento é uma pequena cidade do Uruguai, fundada em 1680, reconhecida atualmente como patrimônio da humanidade pela UNESCO. Repleto de casas coloniais portuguesas, o centro histórico passou por diversas revitalizações e restauro, sendo um desses exemplos o casarão situado na esquina entre as Calles De San Pedro e Manuel Lobo. A fim de se manter preservada, o novo uso foi posto em prática, os quartos e salas se adaptaram para serem pequenas boutiques, lojas de artesanatos e uma sorveteria que recebem diversos turistas durante o ano todo, que balançam a economia da cidade. A estrutura interna apesar de adaptada para a locação desses espaços foi mantida intacta, sem que houvesse a instalação de cozinhas industriais.



Figura 4 - SESC Paço da Liberdade em Curitiba – PR
Fonte: Imagens do Google.

Construído em 1916 para ser a sede da antiga prefeitura de Curitiba, hoje o Paço da Liberdade é o atual SESC, inteiramente revitalizado e restauro desde 2006 para atender o programa de necessidades de um centro cultural. Além dos espaços expositivos em toda a edificação, o prédio ainda conta com um charmoso café com entrada independente das salas

expositoras para o público, mas a grande sacada fica reservada para a mudança na cobertura, onde o telhado convencional é retirado para dar espaço a uma estrutura metálica com vidros, criando um recinto de arte e cultura.

2.8 Cidade e área escolhida para a intervenção

O Grupo Escolar Ruy Barbosa se encontra na Rua Marques de Herval, número 1, Centro, Caçapava –SP.

Baseado nos estudos recentes nas áreas envoltórias sobre a escola notou-se a qualidade e a demanda desse espaço urbano, sendo um ponto extremamente estratégico, onde se tem como área de investigação a Igreja Matriz de frente, com seus longos calçadões comercial ao lado e ainda o ponto de ônibus mais movimentado da cidade em sua fachada. Posteriormente, se encontra o Mercado Municipal da cidade.

2.9 Uso do solo

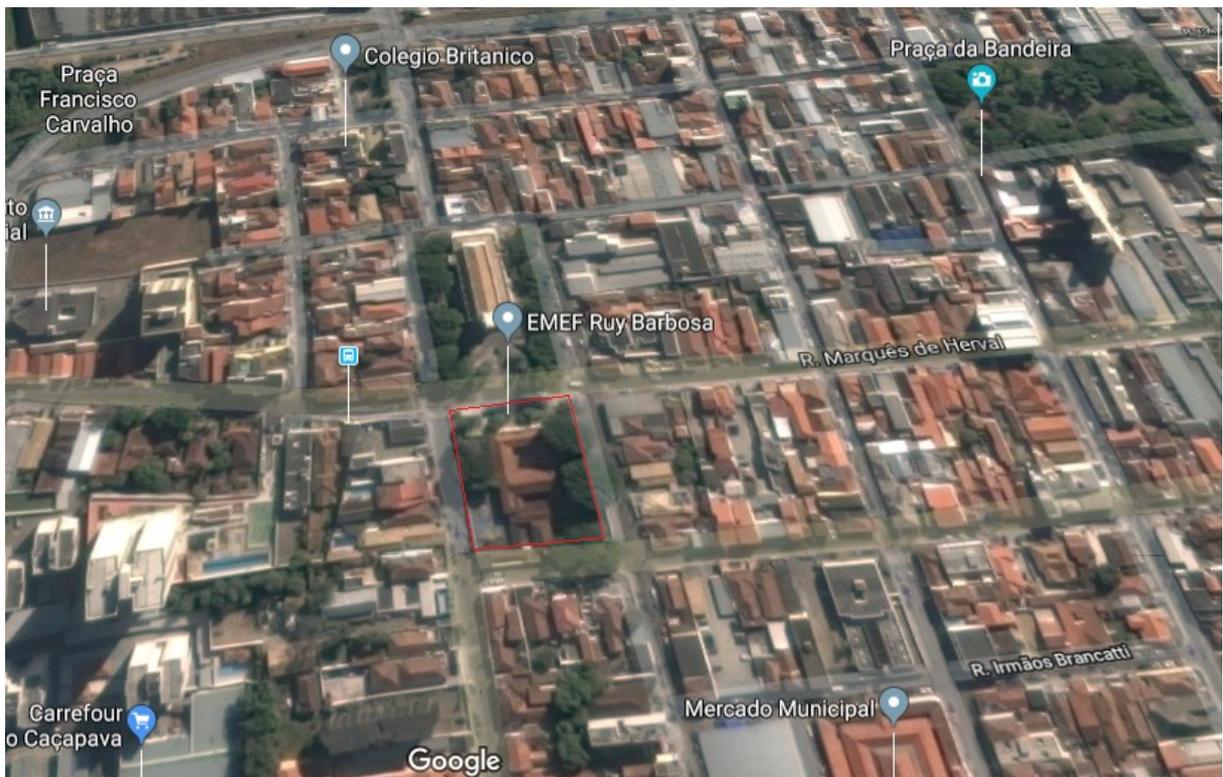


Figura 5 - Localização do Grupo Escolar Ruy Barbosa
Fonte: Imagem do Google.



Figura 7 - Entorno
Fonte: Imagem do Google.

2.10 Considerações sobre o ecletismo em Caçapava

A partir do início do século XX, o ecletismo teve a maior demanda de obras construídas na cidade. Atualmente poucas obras restaram desse acervo.

Portanto, para maior valorização da preposição arquitetônica, foi feita uma pesquisa, relacionando importantes obras ecléticas do município em relação ao Ruy Barbosa, incluindo o raio de proximidade entre elas e a análise de composição de cada uma.



Figura 8 - Igreja Matriz
Fonte: Imagem do Google.

A matriz de Caçapava se caracteriza como uma obra de preposição eclética, como fruto de uma reforma no começo do século XX, sua fachada simétrica, com uma torre central com cobertura de telhas que une como base para a estátua de São João Batista é seguida por um relógio e estatuetas angelicais na cornija principal, com pináculos logo abaixo, em cima de cimalthas sustentadas por frisos em arcos de volta redonda. Suas janelas centrais são estruturadas com pilastras de capitel coríntio, enquanto as janelas laterais são estruturas com arco de volta redondas, uma sobreverga em forma de frontão e acima tímpano cimbrado. A porta principal, com verga de arco pleno, sobreverga em frontão e um óculo acima. Ainda na estrutura da fachada, meias colunas de capitel coríntio.



Figura 9 - Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel
Fonte: Imagem do Google.

Estruturado com base, corpo e coroamento, a Brigada de Infantaria, se destaca como uma obra eclética de alinhamento frontal do lote e entrada lateral. Seu coroamento é feito em platibanda ornamentada datada com o ano da construção, corpo com janelas em vergas e sobrevergas retas e ornamentadas e base em porão, como costume construtivo da época.

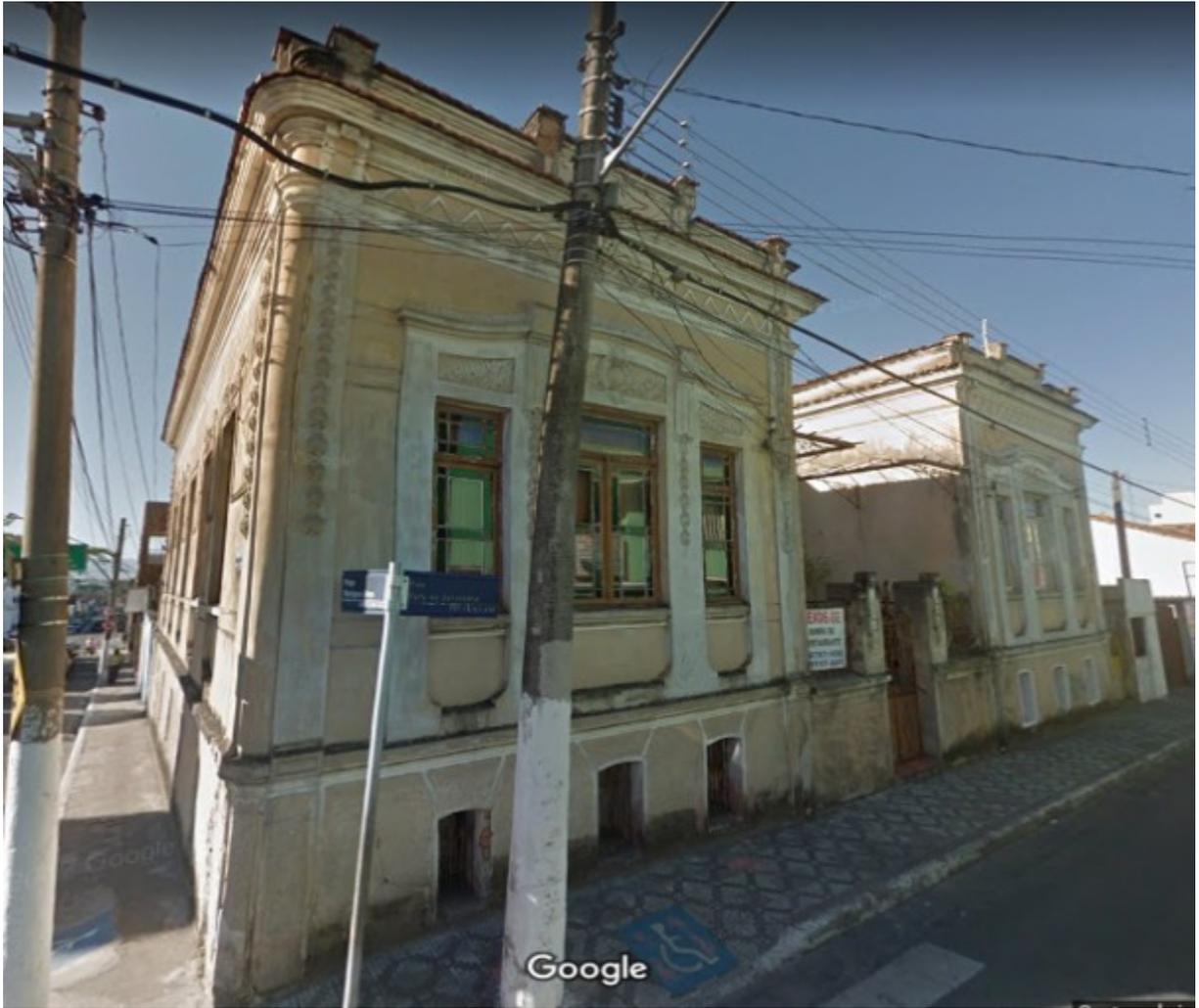


Figura 10 - Construção residencial eclética
Fonte: Imagem do Google.

No final do século XIX para o início do século XX, a tipologia construtiva mais comum, principalmente da classe média para alta, era o chamado atualmente desenho eclético. Com essa residência não foi diferente, marcada com base, corpo e coroamento, ainda conta a planta em dois corpos e vão central. Mantendo a simetria em todo o conjunto da construção, apresenta janelas com vergas retas e sobrevergas onduladas, formando uma voluta em conjunto.

2.11 Histórico

O Grupo Escolar de Caçapava, atual EMEF Ruy Barbosa, fez parte do conjunto de mais de 126 escolas de tipo Grupo Escolar, implantados na primeira república que foi a primeira ação governamental na tentativa de padronizar o ensino, abandonando o antigo sistema das escolas das primeiras letras. Essa política de ensino inovou, implantando novos métodos de aprendizado, com a proposta de interferir na sociedade brasileira difundindo a

cultura para a incipiente população urbana. Os reformadores, políticos e intelectuais da época acreditavam que a expansão do conhecimento através do ensino primário ajudaria na consolidação da República. Jose Van Humbeeck, o arquiteto responsável pelo Grupo Escolar modelo, projetou em 1905 a tipologia para o edifício com um pavimento, para os grupos escolares de Pindamonhangaba, Caçapava, São Simão, Bragança Paulista Itatiba, Santa Barbara do Oeste e Cajuru. A construção do Ruy Barbosa foi realizada pelo engenheiro Afonso de Albuquerque em 1907. A localização urbana do terreno que conta com uma quadra inteira para a sua implantação e sua proximidade com edificações imponentes como é o exemplo da Igreja Matriz de São João Batista está associado a um partido arquitetônico que proporciona uma visualização completa do monumento escolar e possibilita os acessos, trabalhando assim a percepção do munícipe.

O Grupo Escolar Ruy Barbosa foi tombado pelo CONDEPHAAT através do processo 24.929/86 ata 1253, de 07 de Agosto de 2002, devido seu valor histórico e arquitetônico.

3 ANÁLISE DE COMPOSIÇÃO

Nesse tópico é feita a análise da composição do Grupo Escolar Ruy Barbosa, explicando toda sua tipologia construtiva.



Figura 11 - Foto aérea do Grupo Escolar Ruy Barbosa
Fonte: Arquivo da Biblioteca Municipal de Caçapava.



Figura 12 - Fachada do Grupo Escolar Ruy Barbosa
Fonte: Produzido pela autora (2018).

Construção de alvenaria de tijolos, de preposição eclética, guardando a relação de base, corpo e coroamento. O partido arquitetônico da escola, é caracterizado pela existência de um pátio interno e central em desnível, ladeado por alpendres em torno do qual se desenvolve a circulação coberta que interliga e dá acesso as salas. Os dois lados são simétricos, sendo reservada uma das alas à seção feminina e outra à masculina. No centro se encontra o acesso ao prédio, que dá para um vestíbulo ou portaria, antes de se atingir a galeria de circulação.

Sua cobertura em telhas francesas e estrutura de madeira é apoiada em pilares de madeira e arrematada por lambrequins rendilhados. O piso de assoalho e por vezes em ladrilho hidráulico é elevado e sustentado pelo porão, que também ajuda da evitação de problemas com umidade ascendente do solo e possibilita a implantação do modelo em diversos tipos de terreno. Os guarda-corpos são em ferro trabalhado.

A fachada se caracteriza pelo ritmo constante das envasaduras em arco pleno, intercaladas por falsas pilastras, cornijas que fazem todo o emolduramento externo, aberturas de ventilação do porão que é elevado do nível da rua, por volta de 1.0m de altura, e um frontão que busca recriar o estilo francês.

O Grupo Escolar Ruy Barbosa, teve um projeto previsto originalmente para 10 salas de aula e em 1944, devido ao crescimento populacional foi implantada mais duas salas em suas ampliações, uma em cada ala do sentindo sul da edificação.

O ecletismo na construção da escola pode ser explicado principalmente pelo gosto clássico, pois é associado ao ensino e a disciplina.

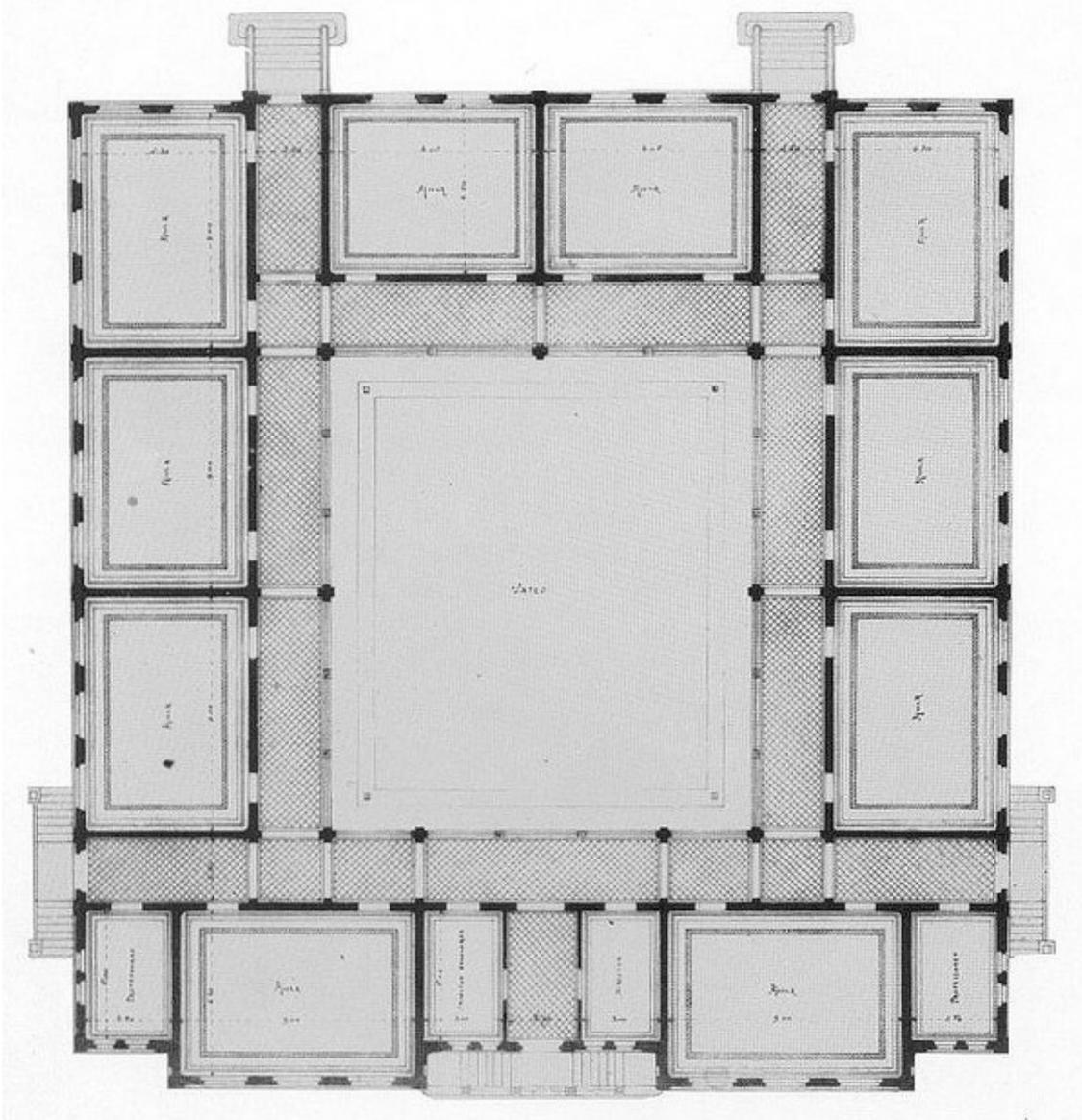


Figura 13 - Planta baixa do projeto original sem ampliações
Fonte: Documentos disponibilizados pela prefeitura.

4 LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

Prancha 1 - Planta com numeração de ambientes, portas e janelas

Prancha 2 - Planta com materiais

Prancha 3 - Planta de liberação e cobertura

Prancha 4 - Fachadas

Prancha 5 - Detalhamento de janelas e forro

Prancha 6 - Levantamento fotográfico (1)

Prancha 7 – Levantamento fotográfico (2)

Prancha 8 – Levantamento fotográfico (3)

Prancha 9 – Levantamento fotográfico (4)

Prancha 10 – Levantamento fotográfico (5)

Prancha 11 – Levantamento fotográfico (6)

Prancha 12 – Levantamento fotográfico (7)

Prancha 13 – Levantamento fotográfico (8)

Prancha 14 – Levantamento fotográfico (9)

Prancha 15 – Levantamento fotográfico (10)

Prancha 16 – Levantamento fotográfico (11)

Prancha 17 – Levantamento fotográfico (12)

Prancha 18 – Levantamento fotográfico (13)

Prancha 19 – Levantamento fotográfico (14)

Prancha 20 – Levantamento fotográfico (15)

Prancha 21 – Levantamento fotográfico (16)

Prancha 22 – Levantamento fotográfico (17)

Prancha 23 – Levantamento fotográfico (18)

4.1 Características construtivas

O edifício principal da Escola Municipal Ruy Barbosa, é constituído por alvenaria de embasamento de tijolos maciços de barro e estrutura transversal em ferro fundido com aproximadamente um metro de altura em relação à porta principal. Os pisos de ladrilho hidráulico foram construídos com vigas metálicas em desenho I e abobadilhas de tijolos. Tal procedimento criava um porão entre o piso da construção e o solo, formando dutos de ventilação permanente, método construtivo comum nas construções ecléticas da época uma vez que diminuía sensivelmente problemas com umidade e também garantia o conforto térmico da construção.



Figura 14 - Vista do porão do Grupo Escolar Ruy Barbosa
Fonte: Produzido pela autora (2018)

As paredes do edifício são autoportantes, também de tijolos maciços de barro, com assentamento em amarração de um tijolo, revestido com argamassa de areia e cal. Na parte

externa, foram aplicados ornamentos de frisos retos (cornijas) compondo um desenho na parte superior das esquadrias das janelas e portas.



Figura 15 - Vista da estrutura de tijolos de barro
Fonte: Produzido pela autora (2018).

O telhado apresenta estrutura em madeira, composta por vigas, terças, caibros e ripas e possui cobertura de telhas chamadas francesas e cumeeiras cerâmicas meia cana com preenchimento em argamassa. Os lambrequins em madeira são influência dos chalés da ferrovia, aparatos de decoração que ornamentam e coroam o pátio interno descoberto central.



Figura 16 - Vista do telhado
Fonte: Produzido pela autora (2018).

4.2 Diagnóstico de patologias

Foi realizada uma análise técnica a fim de verificar as patologias e deterioros de todos os ambientes da escola. A numeração dos ambientes na parte interna do edifício foi numerada de acordo com as normas estabelecidas de restauro, a área externa foi identificada de acordo com seu uso.

Tabela 1 - Patologias e deterioros

Ambiente	Patologia
1	Infiltração no forro.

2	. Bolor, infiltração nas paredes, infiltração e lacunas no forro, foco de insetos xilófagos no assoalho.
3	Infiltração nas paredes, lacunas no forro, trinca e descascamento no acabamento.
4	Deslocamento do forro, infiltração, descascamento e rachadura do acabamento, foco de insetos xilófagos no assoalho.
5	Infiltração, descascamento do acabamento e foco de insetos xilófagos no assoalho.
6	Infiltração, descascamento do acabamento e foco de insetos xilófagos no assoalho.
7	Infiltração e fissura no forro e acabamento.
8	Infiltração, fissura no forro e acabamento e descascamento, foco de insetos xilófagos no assoalho.
9	Lacuna e trinca no ladrilho hidráulico, infiltração, descascamento e fissuras nas paredes.
10	Infiltração, descascamento e lacuna no acabamento.
11	Infiltração, bolor, descascamento, lacunas e trincas no acabamento, foco de insetos xilófagos e estufamento no assoalho. Infiltração, descascamento do acabamento e foco de insetos xilófagos no assoalho.
12	Infiltração, fissura no acabamento, bolor e

	descascamento, foco de insetos xilófagos no assoalho.
13	Infiltração e bolor nas paredes, foco de insetos xilófagos no assoalho.
14	Descascamento, bolor e infiltração nas paredes e acabamento, fissura e rachadura no acabamento, foco de insetos xilófagos e estufamento no assoalho.
15	Infiltração e descascamento no acabamento e paredes.
16	Bolor, infiltração, descascamento e fissura no acabamento e parede, lacuna e bolor no forro.
17	Infiltração no forro.
18	Bolor no piso, trincas no acabamento e lacunas na estrutura do porão.
Pátio externo	Rachadura e bolor no piso.
Área de vegetação lateral esquerda	Rachadura nos muros.
Banheiro externo feminino	Infiltração e fissura no acabamento.
Banheiro externo masculino	Infiltração e fissura no acabamento.
Depósito	Infiltração, bolor e fissura no acabamento.
Quartinho s/ def	Infiltração, bolor, trincas e lacunas no acabamento.
Área de serviço	Infiltração, bolor e fissuras no acabamento.

Cozinha	Infiltração, bolor e fissuras no acabamento.
Refeitório	Descascamento, pingadeiras, infiltração, rachaduras no acabamento e bolor.
Despensa	Infiltração e fissuras no acabamento.
Quadra	Infiltração, bolor, rachaduras no piso.
Área de vegetação lateral direita	Infiltração, bolor, rachaduras no acabamento.



Figura 17 - Fotografia dos deterioros
Fonte: Imagens da autora (2018).

4.3 Análise das patologias

As causas provocadas pelo estado de deterioração podem estão relacionadas a um dos seguintes casos:

- Alteração de cargas, que provocam fissuras, trincas e rachaduras nas paredes, principalmente e com mais facilidade nas extremidades de portas e janelas que na alvenaria acentuam a concentração de tensões.
- Ação corrosiva de águas e fungos, também conhecida como intempéries, o vento faz com que a água e os agentes mais agressivos entrem no revestimento e atinjam a estrutura, causando descascamentos, fissuras, trincas, recalques, estufamento e fungos em forros, paredes e pisos, principalmente de madeira. A umidade no Grupo Escolar afetou a parede como um todo ou parcialmente, tornando-se aparente.

- O nível de umidade nas paredes internas pode ser mais alto do que nas paredes externas por causa da taxa reduzida de evaporação, pois quanto mais espessa a parede, mais alta a umidade subirá.
- Deformação nos vãos e assentamentos das madeiras devido a sua idade e trabalho mecânico.

5 DIRETRIZES PROJETUAIS

Foi estabelecido através do cronograma da metodologia que as diretrizes e a aplicação das ações de restauro, tal como a instalação de um novo uso, serão feitas a partir de Julho, após o levantamento estar completo.

A hipótese para o projeto de novo uso da edificação, é que através das ações de restauro, a antiga escola vire uma galeria comercial, a fim de que a população interaja com o patrimônio, integrando o edifício ao município através da participação coletiva.

5.1 Metodologia para projeto de restauro

O projeto de restauração arquitetônica é composto das seguintes obras:

1- OBRA DE CONSERVAÇÃO

Compreende as ações necessárias para evitar a degradação, podem ser preventivas e corretivas, sendo:

- Preventivas: limpeza diária, com finalidade de combater a flora e a fauna parasita que possa virar fator de deterioração;
- Corretivas: Consiste em reparações e/ou reposições rotineiras, causadora de danos menores e habituais, causado pelo uso diário e por ações manuais.

2- OBRA DE PROTEÇÃO

As obras de proteção compreendem as ações necessárias para preservar os edifícios de deterioros provocados pela ação do tempo, por exemplo, construção de beiral mais largo com finalidade de proteger a alvenaria contra a incidência direta da água das chuvas.

3- OBRA DE LIBERAÇÃO

As obras de liberação correspondem à retirada de elementos que não são considerados de valor artístico ou histórico, sendo considerados acréscimos ao imóvel e cuja presença é motivo de danos à estrutura do edifício, danos funcionais ou que resultem em ações contra o conjunto. Por exemplo, as coberturas externas ao prédio apoiadas diretamente na alvenaria.

4- OBRA DE CONSOLIDAÇÃO

As obras de consolidação são operações necessárias para estabelecer as condições originais de trabalho mecânico de uma estrutura e/ou elemento. Exemplos frequentes são as consolidações de trincas.

5- OBRA DE RESTITUIÇÃO

As obras de restituição consistem na reposição total e/ou parcial de um elemento ou de um fragmento que por ação do tempo, de choques, etc. desapareceu, deixando evidências de sua composição original. Essas obras podem atuar como anastilose ou como lacunas.

6- OBRA DE REESTABILIZAÇÃO

As obras de reestabilização são ações que instituem a estabilidade mecânica da estrutura que por diferentes motivos tem falhas, eliminando as causas ou estabelecendo as condições necessárias para que a transmissão de cargas e/ou esforços nos materiais se reestabeleçam conforme suas características de desenho original, conservando dentro do possível sua geometria e dimensão. Para não ocorrer erros irreversíveis e destrutivos, é necessário realizar pesquisa da matéria da obra de arte considerando sua dupla polaridade, aspecto e estrutura. Por exemplo, podemos citar as estruturas de madeira das coberturas.

5.2 Técnicas aplicativas do restauro arquitetônico

1- CONSERVAÇÃO

Salas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 (pátio externo), 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18 e 19 (pátio interno).

2- LIBERAÇÃO

Será liberada toda a construção feita a partir do limite das salas externas, como banheiros, copa, cozinha, despensa e quadra.

3- CONSOLIDAÇÃO

Salas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 (pátio externo), 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 (pátio interno).

4- RESTITUIÇÃO

Ser aplicado nas salas que apresentam lacunas em suas paredes, como em degraus de escada e acabamento decorativo externo.

5- REESTABILIZAÇÃO

Ser aplicado no forro das salas internas e externas.

6 RESTAURO E REFORMA A SER EXECUTADA

É proposto, como principal intervenção, a manutenção e a restauração do prédio tombado, desde sua fundação até a cobertura.

a) ALVENARIA E ESTRUTURA

Antes do início dos trabalhos nas paredes e/ou acabamento, deverão ser tomadas as providências para que todas as superfícies a trabalhar estejam firmes, retilíneas, niveladas e aprumadas.

Deverão ser constatadas com exatidão as posições dos condutores de instalações elétricas, hidráulicas, telefônicas e informáticas.

Propõe-se a limpeza do porão, retirada de todo material danificado, dedetização e desratização.

As alvenarias devido às infiltrações constantes deverão ser analisadas caso a caso diante das patologias encontradas. É indicado não aplicar água sobre a argamassa para prover a limpeza e seguir o relatório para o procedimento adequado.

Solicitar a prospecção da argamassa.

No caso de descascamento e lacuna do reboco provocado por intempéries, será empregada a análise para definir a composição original a ser usada.

A execução do reboco será iniciada após a completa pega do emboço.

O acabamento final deverá ser executado com desempenadeira de feltro ou camurça macia.

A espessura máxima do reboco será de acordo com a espessura das argamassas adjacentes.

A argamassa recomposta não deverá apresentar diferenças de acabamento da superfície.

As emendas com os trechos mantidos não poderão ser aparentes.

b) PISO

▪ LADRILHO HIDRAULICO.

Propõe-se a relocação das peças faltantes bem como o reparo e restauro do ladrilho hidráulico, em virtude da existência de vários pontos de desgastes, fissuras, ausência de peças, bem como preenchimentos inadequados.

Ainda propõe-se a liberação do revestimento de azulejos da sala número 7, com finalidade da homogeneização dos espaços.



Figura 18 - Ladrilho hidráulico
Fonte: Produzido pela autora (2018).

▪ PISO CERÂMICO

Propõe-se a retirada do piso cerâmico, não originais da construção, em virtude da existência de vários pontos com deterioros, nos locais como hall (vide numeração 1), circulação dos corredores e o ambiente número 7, para a aplicação do ladrilho hidráulico com o mesmo desenho já existente no hall e na circulação dos corredores e assoalho tabuado de madeira tipo peroba rosa na largura de 10cm.

A intervenção sugerida além de eliminar as patologias existentes irá realizar a homogeneização dos espaços, dando sensação de continuidade e amplitude aos espaços.

Regularização de base para revestimento ladrilho hidráulico, será de argamassa de cimento e areia média sem peneirar no traço 1:5 espessura de 3cm.

Antes de iniciar a regularização do piso, deverá ser retirado o piso existente. Após a retirada do piso, o contrapiso existente deverá ser picotado



Figura 19 - Piso Cerâmico
Fonte: Produzido pela autora (2018).

▪ ASSOALHO

Os pisos de assoalho e os barrotes para fixação dos pisos, seguirão orientação de manutenção e recuperação, respeitando o projeto original, a intervenção surge com a necessidade a partir dos deterioros como deformações, estufamento, ponto de infiltração, fissura, desencaixes, sujidades e focos de insetos xilófagos.

O assoalho deverá ser tabuado de madeira tipo peroba rosa na largura de 10cm, com a instalação de tabeira e rodapés de 10cm de altura e soleira no mesmo material, conforme os já existentes e original do projeto.



Figura 20 - Assoalho
 Fonte: Produzido pela autora (2018).

▪ CALÇAMENTOS

As pavimentações deverão passar por reforma geral, desde os calçamentos no entorno do prédio até os pátios internos e externos, permitindo acessibilidade total com vistas a melhor circulação e acessibilidade universal.

c) COBERTURA

Primeiramente será feita a execução de limpeza a seco do madeiramento da cobertura, utilizando-se escovas de cerdas macias e aspirador de pó para a retirada do depósito superficial, e, retirada manual de detritos maiores com vassouras e pás de lixo. É necessária ainda uma consulta especializada para averiguação do estado geral do madeiramento da cobertura e emissão de um parecer técnico.

Se forem necessário substituição e reforços nas peças, deverão ser utilizados cintas ou chapas metálicas conforme localização e tipo da peça, parafusada no trecho de resistência comprovada.

As madeiras indicadas para a adoção da execução desse procedimento são Angelim, Ipê e Cumarú.

Após o reforço e/ou substituição das peças comprometidas, todo o madeiramento deverá ser tratado contra fungos e contra nova infestação de insetos com a aplicação de duas demãos de imunizante incolor para madeiras aparelhadas, conforme normas técnicas de cura e prevenção.

Um novo ripamento tratado deverá ser instalado conforme posicionamento adequado, garantindo a fixação das telhas.

As telhas de tipo francesas deverão ser analisadas quanto as suas condições de absorção de água, mudança de peso, resistência material e mecânica, com a finalidade de reaproveitá-las e recolocadas no entelhamento. As selecionadas no processo passarão por limpeza com escovas de aço e jato de água de pressão controlada, seguida da imersão em produto hidrofugante incolor.

As telhas a serem reaproveitadas deverão estar reunidas em um único pano do entelhamento e devidamente registradas.

Sob o telhado é indicada a instalação de uma manta impermeável e acústica de subcobertura, protegendo o forro em caso de novas infiltrações, entrada de insetos xilófagos e para o conforto térmico. O produto indicado para esse processo é a manta de subcobertura de polietileno Tyvek, tipo DuPont, ou equivalente, que será instalada sobre os caibros já restaurados, colada com fita adesiva Freshfoil.

Sobre a manta, serão fixados os contra-caibros, as ripas e finalmente serão colocadas as telhas.

d) FORRO

Os forros assim como os assoalhos seguirão a mesma orientação de manutenção e recuperação, respeitando o projeto original com o mesmo desenho.

Tabela 2 - Análise de qualidade do forro.

BLOCO	AMBIENTE	TIPO	ESTADO DE CONVERSACÃO	PROPOSTA
1	1	Paulista	Ruim	Substituição por réplica do forro original
1	2	Paulista	Ruim	Substituição por réplica do forro original
1	3	Paulista	Ruim	Substituição por réplica do forro original
1	4	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	5	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	6	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter

1	7	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	8	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	9	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	10	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	11	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	12	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	13	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	14	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	15	Tabuado	Regular	Restaurar e Manter
1	16	Paulista	Ruim	Substituir por réplica do forro original
1	17	Paulista	Ruim	Substituir por réplica do forro original

e) PINTURA

Foi executada a prospecção pictórica que serve de base de orientação para as definições de cores e recomposição de possíveis elementos decorativos existentes anteriormente.



Figura 21 - Prospecção pictórica (1)
Fonte: Produzido pela autora (2018).



Figura 22 - Prospecção pictórica (2)
Fonte: Produzido pela autora (2018).

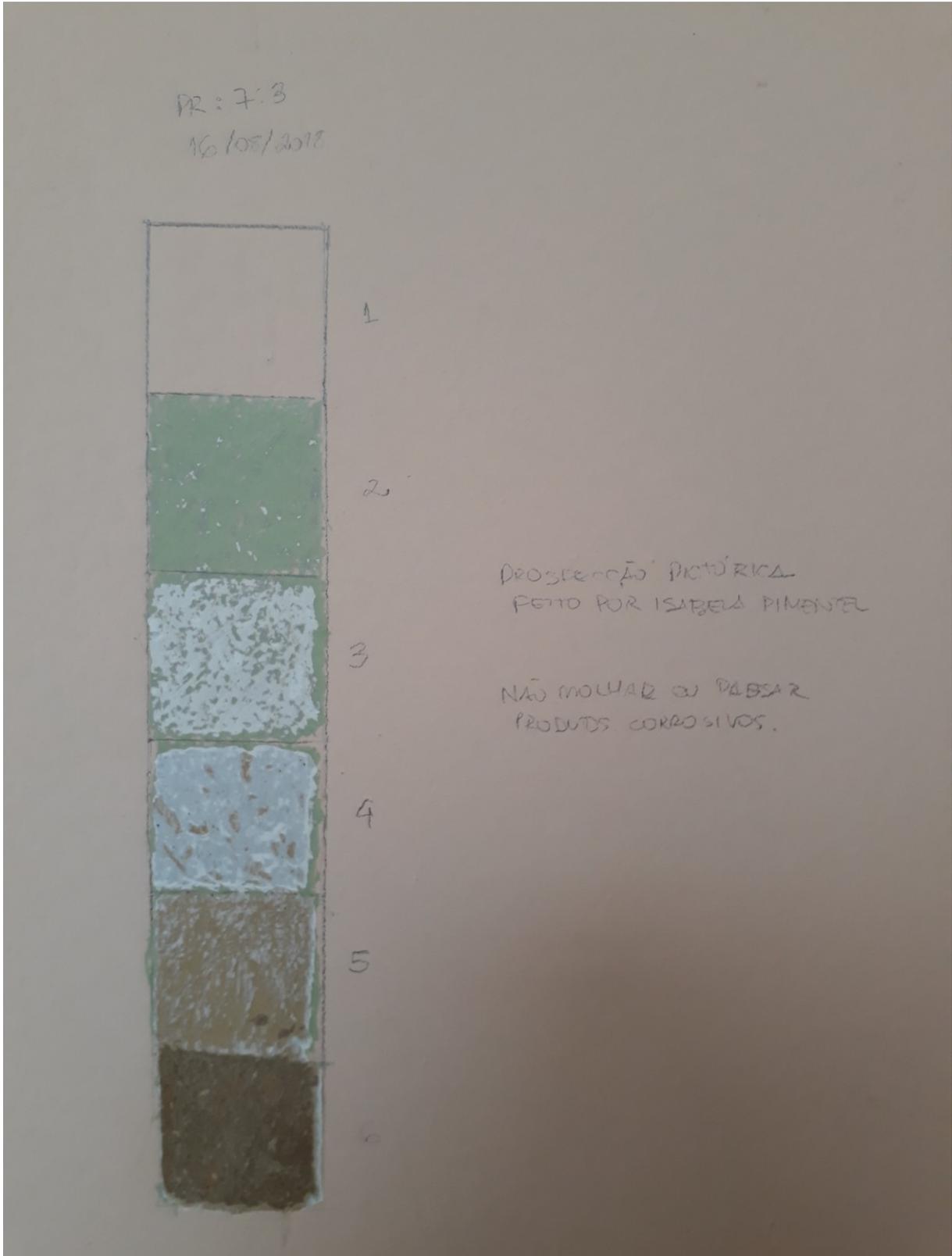


Figura 23 - Prospecção pictórica (3)
Fonte: Produzido pela autora (2018).



Figura 24 - Prospecção pictórica (4)
Fonte: Produzido pela autora (2018).

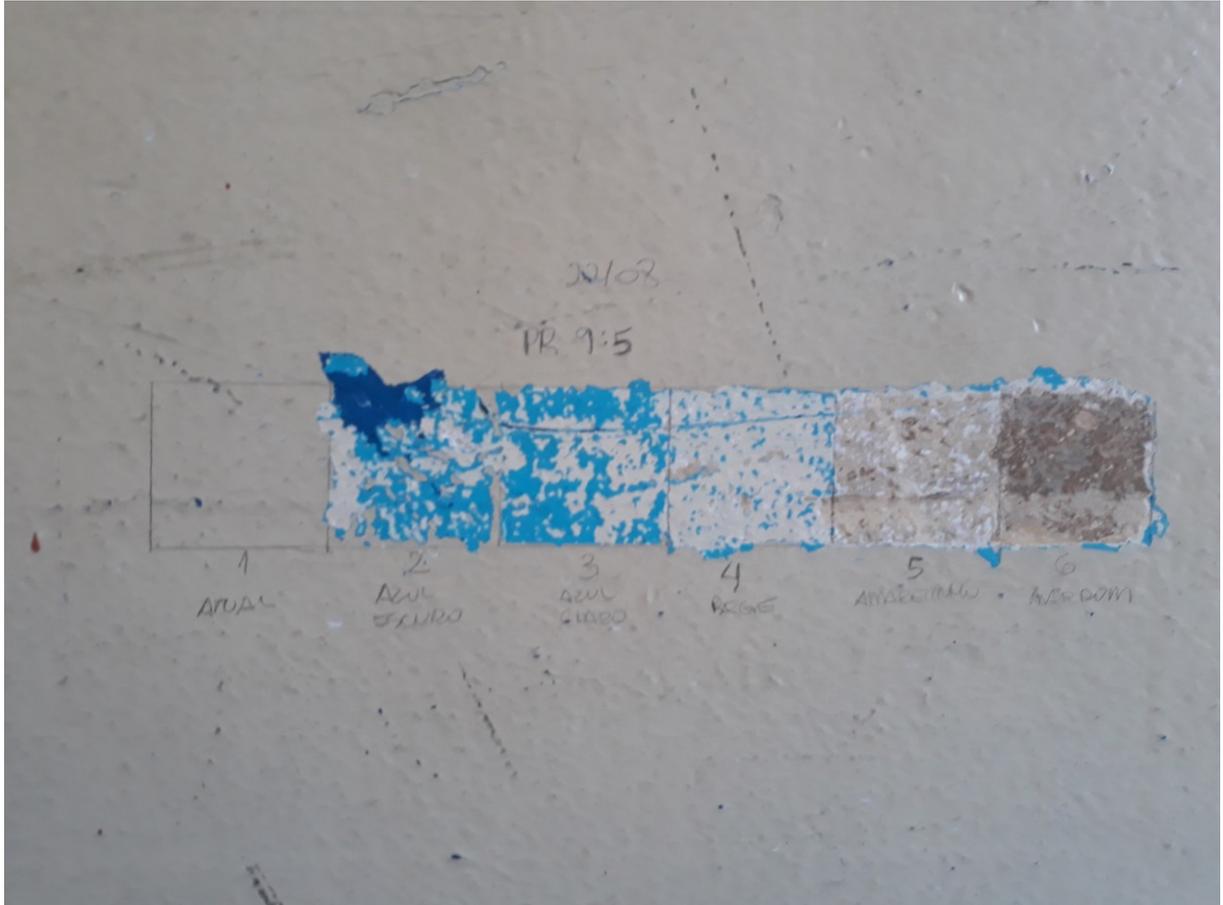


Figura 25 - Prospecção pictórica (5)
Fonte: Produzido pela autora (2018).



Figura 26 - Prospecção pictórica (6)
Fonte: Produzido pela autora (2018).



Figura 27 - Prospecção pictórica (7)
Fonte: Produzido pela autora (2018).



Figura 28 - Prospecção pictórica (7)

Indica-se o emprego de tintas minerais, sendo esse o material adequado aos revestimentos porosos. Tintas de PVA ou Acrílicas não poderão ser aplicadas, pois formam uma película que com o tempo ou aplicação sem preparado de superfície recomendada pelo fabricante, resultam em bolhas, trincas e desfolhamentos.

A partir da prospecção foi descoberto que a cor original externa é o amarelo claro e que a cor original interna é o marrom. Para o lado externo será mantida a coloração original, porém, para o lado interno, a partir do projeto de novo uso, a coloração será diferente, sendo mantidas as prospecções pictóricas.

f) ELETRICA E HIDRAULICA

É recomendado prever a revisão de todo sistema elétrico e hidráulico, compreendendo os sistemas de incêndio e para-raios.

Os equipamentos que estão instalados nos panos de fachada, como os condutores do sistema de para-raios, os de iluminação e os de águas pluviais, deverão ser removidos e substituídos por canalizações embutidas de alvenaria, por sistemas elétricos e hidráulicos mais modernos que não afetem a harmonia das fachadas e do restante do prédio, mantendo assim sua caracterização original.

g) JANELAS E PORTAS

As portas deverão ser numeradas e retiradas para restauro, inclusive com a cor original de madeira, encontrada através da prospecção pictórica e depois recolocada em seus respectivos locais, bem como as maçanetas e ferragens necessárias.

As janelas serão liberadas e trocadas pelas janelas de madeira do projeto original, a fim de manter a originalidade do projeto.



Figura 29 - Portas e janelas
Fonte: Produzido pela autora (2018).

h) OBJETOS

Sugere-se a restauração dos possíveis dois bebedouros antigos em ferro fundido e concreto como elemento de preservação da memória do Grupo Escolar Ruy Barbosa.



Figura 30 - Bebedouros
Fonte: Produzido pela autora (2018).

6.1 Instruções Projetuais de Desenho Urbano

- Remoção do ponto de ônibus; é sugerida a transferência do mesmo para a rua em frente, já que em poucos metros de distância encontra-se um terreno vazio, que serviria de locação para os pontos, dando o conforto e abrigo necessário aos munícipes.
- Adaptação da via para rua compartilhada.
- Revitalização e repaginação dos caminhos da praça da Igreja Matriz.
- Novos conjuntos de iluminação; aumentando assim a segurança do espaço para passeios noturnos.
- Paisagismo com referências históricas.
- União dos espaços externos, uma vez que não haverá mais muro.
- Ampliação da área comercial e cultural turística do município.
- Instalação de uma concha acústica e um anexo alimentício para conforto e integração da população.

6.2 Projeto de Novo Uso

A partir dos estudos de visita técnica, bem como do uso do solo e localização do Grupo Escolar Ruy Barbosa, foi decidido que através das ações de restauro a finalidade do novo uso ao projeto, seria uma galeria comercial.

- Tipo de comércio: Pelas técnicas construtivas, foi decidido que o comércio instalado nas salas dentro do complexo, deverão ser do tipo “secas”, uma vez que dentro da escola não possui sistema hidráulico, como banheiros, cozinhas e/ou torneiras. Para isso, foi construído ao fundo do espaço, uma área específica para alimentação. Ainda dentro do complexo, no local do pátio interno central, poderão ocorrer apresentações artísticas durante todo o dia, como músicos por exemplo.
- Localização: O Grupo Escolar Ruy Barbosa se encontra na área central, circundado pelo calçadão comercial, ruas comerciais, mercado municipal, praça e igreja matriz, apresentando um grande potencial econômico.

Foi decidido também que o Grupo Escolar Ruy Barbosa será integrado com a Igreja Matriz de São João Batista através de uma rua compartilhada, assim exaltando o conjunto arquitetônico eclético da cidade, integrando a praça com as áreas verde da antiga Escola.

- É constatado através de uma pesquisa popular, que as duas obras; Grupo Escolar Ruy Barbosa e Igreja Matriz são as de maior valor afetivo para a população, se caracterizando também como as duas obras com maior índice de entendimento de patrimônio arquitetônico do município. Além de um fim econômico, é quisto também que haja uma interação social, que o espaço seja usado e habitado para diversas finalidades, atraindo o público e se tornando um ambiente turístico para o município, por essa razão, ainda no projeto de novo uso, foi implementado uma concha acústica, para receber musicais e apresentações artísticas de pequeno porte no até então Grupo Escolar Ruy Barbosa, que agora se identifica como Galeria Ruy Barbosa, um refeitório para que as pessoas possam levar suas comidas e comerem num ambiente agradável, ou comprar nas poucas lojas destinadas à comida no espaço externo e integrado com o refeitório e por fim, toda a área externa foi ajardinada, para conforto térmico além do quesito contemplação, sendo assim, o jardim histórico soma a evidência do estilo eclético presente no local.

6.3 Programa de Necessidades

Tabela 3 - Programa de necessidades

Ambiente	Quantidade	Descrição	Metragem
Concha Acústica	1	Espaço para apresentações artísticas de menor porte.	200m ²
Refeitório	1	Destinado a refeições, de uso público, integrado com restaurantes.	180m ²
Sanitário fem/masc	2	Área de higienização e de uso público pessoal.	15m ² para o de uso comum e 6m ² para o de uso especial.
Carga e Descarga	1	Espaço para carga e descarga automotiva de equipamentos, objetos e materiais diversos, como comida para reposição e utilização.	50m ²

6.4 Setorização

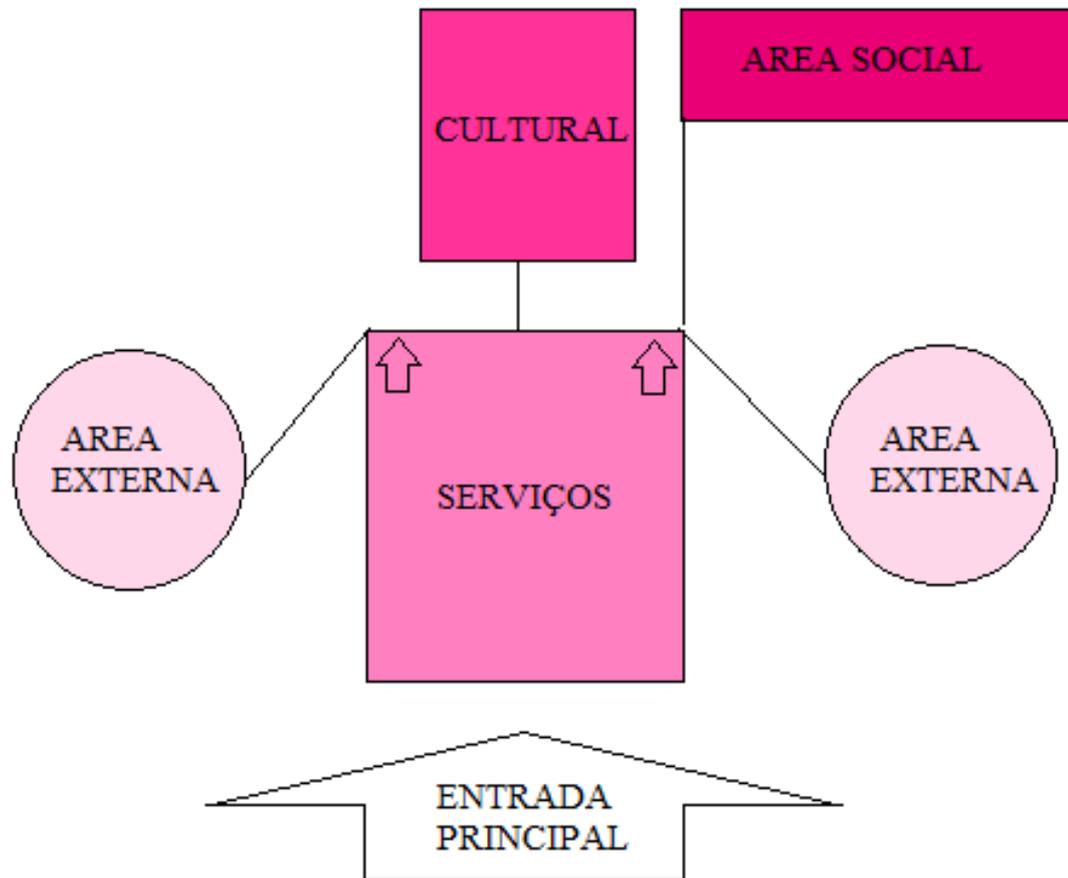


Figura 31- Fluxograma de setorização
Fonte: Produzido pela autora (2018).

Prancha 1 - Planta de implantação e projeto paisagístico e corte

Prancha 2 - Planta e corte - concha acústica

Prancha 3 - Planta e corte - refeitório

Prancha 4 - Planta de intervenção e corte

Prancha 5 - Perspectiva (1)

Prancha 6 - Perspectiva (2)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas pesquisas feitas, foi confirmado o valor afetivo e histórico do Grupo Escolar Ruy Barbosa em relação à população do município. E a partir da situação atual do edifício em degradação, foi necessária a intervenção de restauro, não apenas da obra, mas também na relação da memória coletiva. Esse trabalho apresenta relevância ao município em amplos sentidos e principalmente no âmbito patrimonial, considerando que é um bem unanime, que a partir da organização e otimização do valor, a composição dos espaços do novo uso, terá uma nova dinâmica, abrindo a população e integrando com outros ambientes, contribuindo para o desenvolvimento, comercial e cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. de. *De já hoje*. São José dos Campos: FCCR, 2003.

FABRIS, A. *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel Edusp, 1987.

FERREIRA, A. E. C. S.; CARVALHO, C. H. As escolas primárias no Brasil na primeira república: influências pedagógicas (1890-1930). In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, 2011, São Paulo. *Anais eletrônicos*. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300668175_ARQUIVO_TrabalhocompletoANPUH2011.pdf>

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Cartas Patrimoniais*. S.E. Ed. Brasília: IPHAN, 1995.

LEMOS, C. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MOREIRA, K. C. Escolas na “primeira república”: palco de produção das tradições modernas. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, Goiânia, 2006, *Anais eletrônicos*. Goiânia, 2006. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Keila%20Cruz%20Moreira%20-%20Texto.pdf>>.

SANTOS, K. *Mercado Central: Pelotas: 1846-2014*, Pelotas: Fructos do Paiz, 2014.

SAVIANI, D. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, Dermeval (et. al.). *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPe, 4., 1996, Recife. *Anais eletrônicos...* Recife: UFPe, 1996. Disponível em: <<http://www.propesq.ufpe.br/anais/anais/educ/ce04.htm>>. Acesso em: 21 jan. 1997.

SOUZA, R. F. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval (et. al.). *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

TIRAPELI, P. *Arquitetura e Urbanismo no Vale do Paraíba: do colonial ao eclético*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, Editora Unesp, 2015.

- THOMAZ, E. *Trincas em edifícios: causas, prevenção e recuperação*. São Paulo: Pini, 1989.
- VERISSIMO, C. MENDES, C. BITTAR, W. *Arquitetura no Brasil: de Dom João VI a Deodoro*. Rio de Janeiro: Império Novo Milênio, 2010.
- WOLFF, S. *Escolas para a república: os primeiros passos da arquitetura das escolas públicas paulistas*. São Paulo: Edusp, 2010.

ANEXO

As matérias em anexo servem para complementar e provar a relação afetiva da população com o Grupo Escolar Ruy Barbosa, realçando sua importância histórica.

- 1- Revista comemorativa do cinquentenário do Grupo Escolar Rui Barbosa, 1957.